

Memória 125.

"Havia um tom de Opala"

A Cris. e a Rosa

OPALA

Vieram alguns amigos. Um trouxe bebida, outros trouxeram boca. Um trouxe cigarros, outro apenas seu pulmão. Um deitou-se na rede, e outro telefonava. E Joaquina, de mão no queixo, olhando o céu, era quem mais fazia: fazia olhos azuis.

Já do Observatório haviam-me telefonado: "vento Leste, águas para o Sul, atenção, srs. cronistas distritais, o diretor avisa que Joaquina hoje está fazendo olhos azuis."

As 19 horas enviei esta mensagem: "Confidencial para o Diretor. Neste momento uma pequena nuvem a boreste deste apartamento dá uma tonalidade levemente cinza ao azul dos olhos de Joaquina, que está meditando nessa direção. A bordo todos distraídos mas este Cronista Distrital mantém sua eterna vigilância. Lábios sem pintura de um rosa muito pálido combinam perfeitamente tonalidade cinza do azul referido."

A voz roufenha do Diretor: "Caso necessário dispomos um canteiro de hortências, tipo Independência, Petrópolis, igualmente duas ondas de Capri às 5 da tarde de agosto 1951 considerada uma das melhores safras de azul de onda último quarto de século".

Respondo secamente: "Desnecessário."

A meia-noite sentimos que o apartamento estava mal apoiado no bairro e derivava suavemente na direção da Lua. As 6 da manhã havia uma determinada tepidez no ar quase imóvel e duas cigarras começaram a cantar em estilo vertical. As sete da manhã seis homens vieram entelhar o edifício vizinho e um deles assobiava uma coisa triste. Então uma terceira cigarra acordou, chororocou e ergueu seu canto alto e grave como um pensamento. Sobre o mar.

Joaquina dormia inocente dentro de seus olhos azuis; e o pecado de sua carne era perdoado por uma luminescência mansa que se filtrava nas cortinas antigas. Havia um tom de opala. Adormecei.

~~311/53~~ B.B.